

A pedagogia como técnica: psicanálise e rentabilização dos saberes

RINALDO VOLTOLINI*

RESUMO: Neste artigo pretendemos discutir criticamente a forma assumida pela pedagogia na contemporaneidade a partir da teoria dos discursos estabelecida por Lacan. A noção de discurso do capitalista, discurso hegemônico em nossa época, nos permitirá verificar que a submissão do saber científico à sua dimensão técnica, traço característico da contemporaneidade, tornou-se a base discursiva sobre a qual a pedagogia assentou seu projeto de ação.

Palavras-chave: Técnica; Discurso do capitalista; Rentabilização.

Pedagogy as a technique: psychoanalysis and the profitability of knowledge

Abstract: In this article, it is intended to discuss critically, from the theory of the discourses established by Lacan, the form assumed by pedagogy in contemporaneity. The notion of the discourse of the capitalist, hegemonic discourse nowadays, will permit us to verify that the submission of the scientific knowledge to its technical dimension, characteristic feature of contemporaneity, became the discursive base of knowledge on which pedagogy placed its action project.

Key words: Technique, Discourse of the capitalist, Profitability.



* **RINALDO VOLTOLINI** é Doutor em Psicologia pelo IPUSP, pós-doutorado em psicogênese e psicopatologia em Paris XIII, Professor na FEUSP.

Durante onze anos, vividos ainda sob a tutela de Freud, a intersecção psicanálise e educação, inaugurada por ele, conheceu uma intensa sinergia que resultou na criação e manutenção da revista *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik* (*Revista de pedagogia psicanalítica*). Nela vários analistas da primeira geração e educadores interessados na psicanálise escreveram artigos explorando de inúmeras formas as possibilidades dessa intersecção. Provavelmente, dado o caráter incipiente da teorização presente nesse campo particular, muitos desses artigos não conheceram vida longa e os textos que integraram essa revista não chegaram a se tornar clássicos para a área.

Com o fim da revista, o interesse pelo campo viveu uma retração que durou algumas décadas até ser revitalizado segundo as regras de uma perspectiva que chamaremos psicologizante e que nos importa aqui analisar.

De fato, é com o casamento promissor e duradouro da pedagogia com a psicologia, característico da educação contemporânea (cf. LAJONQUIÈRE, 1999, PATTO, 1987) que a psicanálise, entendida como parte integrante desta última, se vê de novo interessante ao campo educativo.

Ser concebida como parte integrante da psicologia, em que pese o esforço constante dos psicanalistas, a começar por Freud, em mostrar a especificidade de sua teoria, parece ser a sina atual da psicanálise. Para muitos, inclusive, tal esforço de diferenciação a despeito de qualquer prova é percebido como partidário e corporativista, representando apenas o desejo, ilegítimo e equivocado segundo eles, de escapar das críticas referentes à psicologia.

É preciso reconhecer que o próprio Freud se expressou em termos que

deram margem a essa confusão. Em vários de seus títulos a referência à psicologia era presente: *Projeto de uma psicologia científica* (1950,[1996]); *Psicologia de grupo e análise do eu* (1921[1996]); sem contar a escolha pelo termo *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, que subscreve o tomo de suas obras completas.

O mínimo olhar sobre o desenvolvimento de sua teorização, entretanto, basta para constatar que a adesão ao termo psicologia não representa adesão às teses psicológicas presentes na época, até porque a maioria delas, pelo menos as que exercem hoje algum impacto no campo, ainda estavam por vir.

Tudo parece indicar que o termo psicologia servia à Freud como uma espécie de *terra prometida*, que o permitia sair dos limites estreitos da biologia, terra original de sua indagação, para interrogar a natureza de sua descoberta. Como tal, funcionaria mais como uma perspectiva virtual do que real: a psicologia era a forma de afirmar a materialidade não biológica do inconsciente. Mais tarde Lacan, em sua obra, encontraria o justo termo para essa materialidade: a linguagem. Desde esse gesto lacaniano de precisão temos que a psicanálise se encontra muito mais perto da lingüística, por exemplo, do que da psicologia. De fato, com Lacan ela se verá aproximada da matemática, da lingüística, da filosofia, mas jamais da psicologia.

Digamos que se, na sua época, Freud receava que a psicanálise *não fosse incluída* no rol da ciência, o receio dos psicanalistas de hoje é que *ela seja incluída* na psicologia. Como sempre se soube, a estratégia mais eficaz para neutralizar uma coisa é incluí-la. A inclusão é uma forma de fazer participar das malhas do poder e romper com o elo

crítico em relação a essas mesmas malhas.

Este estado de coisas poderia ser compreendido, com proveito, dentro do terreno de uma análise ideológica estrita, como expressão das relações de poder presentes nesse campo. Para nós, contudo, representa a expressão sintomática de um novo modelo de organização social, descrito por Lacan sob a forma de discurso do capitalista, marcado pela perspectiva científico-técnica e que nos importa analisar no âmbito desse texto.

Para esse modelo a perspectiva psicologizante joga um papel fundamental, já bem salientado por Canguilhem (1983) e Foucault (2004), papel este extremamente ligado à governamentalidade. Para Canguilhem, por exemplo, a única razão pela qual a psicologia pôde ser reconhecida como um saber científico, em que pese sua fragilidade epistemológica, foi pelos serviços que ela presta à tecnocracia.

No caso específico da educação, a psicologia também ocupará o mesmo lugar oferecendo à pedagogia a caução científica que ela buscava para desembaraçar-se da hegemonia religiosa e tornar-se uma prática laica, mas também, e sobretudo, porque oferecia ao pedagogo a chance de governar a educação. Será neste contexto que a psicanálise se verá absorvida pela psicologia, com vistas a adensar o projeto psicológico de governamentalidade. Com isso, faz-se desaparecer toda e qualquer tensão existente entre a psicanálise e a psicologia e por tabela à pedagogia.

No âmbito deste texto tomaremos a psicologização da psicanálise na educação como a expressão sintomática de *rentabilizar os saberes desrespeitando limites*, contornos, para

fins tecnocráticos. A perigosa e insidiosa relação entre o capital e o conhecimento científico, condensada convenientemente no termo rentabilização, constitui o cerne do funcionamento do discurso do capitalista. A psicanálise, por sua particular posição em relação à ciência, posição ambivalente entre uma impossível e necessária cientificidade como bem formulou Castoriadis (1997), pode aclarar algo sobre essa relação entre o capital e o conhecimento.

Da ciência à técnica

Destaquemos desde o início que não se trata aqui de fazer uma crítica ao conhecimento científico em si mesmo, mas de tomá-lo a partir de uma bifurcação, caracteristicamente contemporânea e, marca distintiva, como dissemos, do discurso do capitalista, que o torna rentável sem limites ou contornos para fins de aplicação técnica.

Mesmo o ensino de Lacan conheceu uma época em que a ciência se viu identificada ao discurso da histórica, o que valorizava sua dimensão interrogativa do mundo, sua capacidade de produzir saber ali onde a verdade oculta do sujeito o interrogou. Mas Lacan, tempos depois “...antecipa, reconhecendo os ‘novos impasses crescentes da civilização’, uma nova torção da ciência na qual o saber se enoda na pulsão de morte” (ALEMÁN, 2009, p.49-50, tradução livre).

O enodamento do saber com a pulsão de morte é um modo de representar a tendência ao excessivo, ao transbordante, ao que não cede aos limites dados pelo simbólico: “o campo científico, em sua estrutura epistemológica nas construções pertinentes de seu objeto, deve apresentar um limite relativo ao saber que se propõe elaborar. Cada ciência é

um ‘saber de’ isto ou aquilo” (ALEMÁN, p.50, tradução livre).

A própria evolução e organização do conhecimento científico impõe regras que definem a coerência de um campo, bem como as tensões que o conhecimento organizado neste campo terá com outros conhecimentos que lhe fazem fronteiras.

Graças a essas regras surgiram as universidades com sua habitual e legítima repartição dos saberes em campos. Mesmo que de tempos em tempos se tente ensaiar perspectivas de interação entre os saberes, as vezes enciclopédicas, as vezes interdisciplinares, ou transdisciplinares, etc., em nenhuma delas se defende o esgarçamento sem limites dos contornos desses saberes.

São essas regras e esses limites que organizam o conhecimento humano que se acham em vias de serem ultrapassadas pela Técnica, assim escrita com maiúscula para indicar seu caráter de força instituída, força que em si mesma é acéfala. É exatamente este traço de acefalia que a leva a ser aproximada à noção de pulsão de morte:

“A técnica, pelo contrário, não tem sujeito. Não há, no sentido de Heidegger, técnica de tal ou qual coisa. A técnica não se reparte em universidades, nem em campos de saber, nem constrói objetos, nem pode ser avaliada ‘tecnicamente’. Pelo contrário, se trata de um âmbito de apropriação dos ‘saberes de’, uma apropriação ao serviço de uma vontade, que, como afirma Heidegger, não pode ser dominada nem com uma mera ‘superioridade e soberania humana’, nem com nenhuma entidade moral” (ALEMÁN, 2009, p.50-51, tradução livre).

Essa característica da Técnica mostra claramente sua relação com o capital. Na verdade, trata-se de uma identidade de estrutura. O mercado representa para as mercadorias o que a Técnica representa para os saberes: é essa força invisível que estabelece o valor relativo de cada coisa e o estabelece segundo regras extrínsecas ao valor intrínseco dos objetos.

Qual força hoje em dia, estatal, institucional, etc., saberia impor algum limite à força do mercado? O mercado segue soberano à qualquer vontade humana particular, mesmo que essa seja agenciada a partir de um saber sólido e convincente.

Mesmo as coisas mais solidamente construídas podem, como ficou imortalizado na afirmação marxista, se *desmanchar no ar*, face à força do mercado. Exceto o próprio mercado.

Lacan insistiu bastante sobre essa particularidade de perenidade do capitalismo dizendo que o discurso do capitalista era sem avesso, ou seja, sem posição desde a qual se pode girá-lo.

A astúcia do capitalismo consiste em transformar tudo o que se apresenta, mesmo que se lhe oponha, em estrutura funcional ao próprio sistema: *incluir para melhor gerir*. É neste sentido que nos perguntamos sobre a rentabilização dos saberes científicos nas diversas práticas que se estabelecem a partir da apropriação desses saberes.

A Técnica, lugar dessa rentabilização, não respeitará os limites e os contornos dos saberes para estabelecer a base sobre a qual construirá sua atividade. Iniciávamos esse artigo falando sobre a apropriação da psicanálise pela psicologia e conseqüentemente pela pedagogia, apesar das tensões existentes entre elas, que tendem a desaparecer em prol do livre fluxo da rentabilização.

Um pequeno mas decisivo exemplo disso é a forma como a psicanálise é chamada a servir conceitos como desenvolvimento e adaptação, fortes para a psicologia, sendo que ela está sob todos os aspectos totalmente preparada para contestar a legitimidade destes conceitos. De fato, como sustentar a noção de adaptação face ao conceito de pulsão de morte? O homem não quer seu bem, dizia Lacan (1959-60[1991]). Como sustentar a noção de desenvolvimento, de maturação, face à questão do desejo como indestrutível, ou seja, da constatação de que há algo no sujeito do qual ele não se desliga em prol de estruturas mais maduras?

Os conceitos de adaptação e desenvolvimento a psicologia importa sem maiores elaborações da biologia, ciência exatamente da qual a psicanálise, para constituir-se como tal, precisou afastar-se.

Evidentemente que discussões como esta podem acontecer visando esclarecer a apropriação indébita em questão, mas o que parece caracterizar a época atual, dominada pela hegemonia do discurso do capitalista, é que elas tendem a ser neutralizadas, tornadas estéreis em seus efeitos práticos. Há uma espécie de *eu sei, mas mesmo assim...* que caracteriza a posição perversa segundo a psicanálise, uma vez que demonstra reconhecer a existência de um limite, mas apenas para transgredi-lo.

Os fins práticos, já estabelecidos *a priori*, se definem de maneira independente de qualquer saber que lhe virá a dar substância.

A Técnica não é um avanço da ciência, não é seu sucedâneo. Desde o princípio da atividade científica, a possibilidade da aplicação técnica já estava presente. “É um impulso, um *Drang* que impulsiona a ciência até o dispositivo do

discurso do capitalista de modo tendencial” (ALEMÁN, 2009, p.53, tradução livre).

O discurso do capitalista só fez acentuar a dimensão técnica colocando-a como a grande razão do saber científico.

A pedagogia como técnica

O termo pedagogia tem uma longa história, da qual, com frequência, se procura extrair um significado geral que dê conta da abrangência atual do conceito.

Ora é usado para indicar uma inclinação de trabalho para fazer crescer a criança, ora é utilizado para designar o que seria uma ciência, ou pelo menos uma atividade científica que reúne outras ciências em torno de um objetivo comum, a educação. Não há uma definição, entretanto, sem controvérsias.

Longe de querer esgotar este debate, o que queremos aqui, no âmbito desse artigo, é explorar na pedagogia de que maneira a discurso do capitalista estabelece sua hegemonia, pois, dado seu caráter voraz, era de se esperar que nenhum campo do saber fique fora de sua ação.

A própria consolidação universitária da pedagogia indica a consideração de seu caráter científico em nossa sociedade. O mínimo exame em sua grade curricular basta para constatar que ela se caracteriza por ser um lugar de entrecruzamento de várias ciências afins à questão educativa. Sociologia, psicologia, história, ou mesmo a filosofia vêm dedicar-se num lugar supostamente comum a colocar suas linhas de força em jogo no debate educativo.

Como era de se esperar no caso de uma estrutura curricular como essa, as tensões presentes entre os vários saberes afins se apresenta, malgrado a aparente

unidade que o termo educação, comum a todos, poderia representar. Além disso, há um outro grupo de disciplinas destinado a viabilizar de maneira prática, pensando a escola atual, a aplicação desses vários saberes.

Como se sabe, e isso constitui mesmo a marca discursiva indelével de toda ação pedagógica, toda educação se constrói sobre um ideal, cunhado segundo os ideais políticos de uma determinada época. Os ideais políticos em questão podem variar, mas não varia nunca o fato de que toda educação marcha em função de um ideal político.

Esta dupla determinação, de um lado um ideal perseguido, de outro uma soma de saberes conflitantes entre si dando o alicerce de conhecimento necessário à ação, vale a brilhante metáfora construída por Michel Develay (2004, p. 18, tradução livre): “O pedagogo tem os olhos nas estrelas e os pés no barro”. Ou seja, corre o risco constante de derrapar.

O fato é que desde um certo momento de sua história a pedagogia, na esperança vã de ver seus pés saírem do barro, resolveu embasar-se cientificamente, recorrendo para isso ao concurso daquelas ciências que se julgou serem afins à questão educativa. Develay (*ibidem*), baseando-se em Durkheim, vai estabelecer uma importante distinção entre a pedagogia e as ciências da educação que é muito esclarecedora da dinâmica da pedagogia nos dias atuais e que é crucial para o desenvolvimento de nossa argumentação:

“A pedagogia dirigida para a ação visa explicar para propor. Ela é uma teoria com a visada prática; nesse sentido ela está atenta ao possível (pode-se), ao prescritivo (deve-se), e ao normativo (seria ideal que). Ele [Durkheim] escreveu: ‘As teorias que chamamos pedagógicas são especulações de uma outra ordem...

Seu objetivo não é o de descrever ou explicar o que é ou que foi, mas de determinar o que deve ser. Elas não são orientadas em direção ao presente ou ao passado, mas em direção ao futuro. Elas não nos dizem: eis aqui o que existe e qual o porque, mas eis aqui o que é preciso fazer’. A ciência da educação, ao contrário, teria como projeto observar e descrever as teorias e as práticas educativas com o único propósito de esclarecer sobre o existente. A ciência da educação não seria de nenhum modo prescritiva. Ela só poderia ser explicativa”.

Nessa definição fica claro o tríplice caráter da pedagogia: pragmático, ou seja, voltado para a proposição; idealizante, ou seja, dirigido por uma imagem ideal da educação; vacuidade de seu saber, o quer dizer que seu saber está em estrita dependência com os diversos saberes que lhe dão substância. Essa condição essencialmente agenciadora lhe aproxima definitivamente da definição que destacávamos acima para a Técnica. Tal proximidade a predispõe a funcionar como mero lugar de agenciamento desses vários saberes.

O lugar do ideal, com a conseqüente pressão que ele exerce em direção ao prescritivo e ao normativo, joga um importante papel de vetor na consideração dos diversos saberes que se apresentam nesse campo.

Cada saber que se apresenta nesse campo sofre uma torção na direção da pergunta: o que fazer? E como fazer, para atingir o ideal?

Tal torção vetoriza a abordagem que se pode ter desses saberes, restringindo seus sentidos possíveis. Encontramo-nos aqui diante de uma característica do discurso apontada por Lacan (1969-70[1996]) na lógica dos discursos: *Os lugares pré-interpretam*.

Quer-se com isso assinalar que os lugares discursivos funcionam tensionando tudo o que cai sob sua alçada numa determinada direção. No caso particular da pedagogia, o ideal parece ocupar o lugar de S1 no discurso do mestre, ou seja, o lugar de agenciador discursivo, parâmetro a partir do qual todo o discurso se produz.

A rentabilização do conhecimento que aí se aninha deve obedecer a essa lógica discursiva. O que há na psicologia que nos permite construir o ideal educativo? O que há na sociologia que também permite isso? E assim sucessivamente. Quando é chegada a hora de levar em consideração a psicanálise, surge um problema: o fato de que para esta a função do ideal, ou pelo menos da idealização, cai sob suspeita, dado o papel importante que ela joga na dinâmica da neurose.

A estratégia da pedagogia para driblar este inconveniente é a estratégia básica do discurso do mestre: assenhorar-se do saber do escravo transformando-o em saber do mestre.

Considerada em seu âmbito estritamente teórico, ou seja, como um conjunto de conceitos destinado a explicar um real delimitável, a psicanálise é tomada como mais um saber a ser somado a vários outros de maneira a subsumir-se ao saber de mestre produzindo uma síntese destinada a alimentar o pragmatismo da pedagogia.

Não se pode impedir que uma teoria, uma vez que é disseminada para além do contexto de sua origem, sofra os efeitos dos vários tensionamentos discursivos nos quais ela cai. Mas podemos, no entanto, demonstrar como a psicanálise se constitui exatamente no avesso da pedagogia enquanto esta última ressalta o funcionamento do discurso do mestre.

A psicanálise não saberia definir-se fora de sua posição política.

A clássica e tríplice definição freudiana da psicanálise, a saber: como teoria, como terapêutica e como método, não é suficiente para designar a posição política da psicanálise. Pode-se tomar conceitos psicanalíticos, como vimos, de maneira não psicanalítica.

Indubitavelmente, em qualquer um dos três registros encontramos uma preocupação de Freud em mostrar o traço diferencial da psicanálise, desde o qual se pode depreender a posição política da psicanálise, mas será com Lacan, ao nosso ver, através da definição da psicanálise como discurso, que sua posição política pôde ficar mais bem delimitada.

Em Freud, encontramos no texto *A história do movimento psicanalítico* (1914[1996]), por exemplo, a preocupação com a fragmentação teórica, o que já constituía nessa época, um problema *político* significativo para a psicanálise.

Não se pode aceitar a psicanálise em pedaços; ou bem se a aceita ou não, é a ideia central que Freud desenvolve nesse texto. A utilização de um fragmento isolado da teoria levaria certamente a uma análise equivocada de seu uso. Com essa observação Freud marca que os conceitos da teoria são indissociáveis entre si, mas também que a associação entre eles sustenta uma política, aquela que é própria à psicanálise.

Essa observação de Freud bastaria para que colocássemos sob suspeita a posição da psicologia quando pretende integrar a psicanálise, integração esta, como é largamente sabido, que é feita segundo as regras da fragmentação teórica.

O domínio teórico, em que pese a coerência que se pode exigir das apropriações nesse campo, não constitui

base sólida para garantir que a posição política da psicanálise seja respeitada. A noção de discurso, entretanto, permite definir a psicanálise a partir do modo como esta constrói sua enunciação, ou seja, a psicanálise passa a ser definida como um modo particular de tomar a palavra.

Se a tomamos desde sua enunciação, fica clara a distância que ela toma tanto da pedagogia quanto da psicologia. Para a psicanálise, o saber (S2) ocupa o lugar da verdade e não o lugar do agente, como é o caso da psicologia, ou o lugar do outro, escravo, como é o caso da pedagogia. O psicanalista não é aquele que em seu ofício *aplica um saber*, mas aquele que *se aplica à verdade*.

Mesmo quando se refere a um outro campo do saber, a pedagogia, por exemplo, é ao lugar da verdade desse campo que ele se dirige. A psicanálise está em condições de destacar alguma coisa da verdade do campo pedagógico, da verdade de sua enunciação, não da veracidade de seus enunciados. Está em condições, por exemplo, de discutir *seu olhar para as estrelas*, ou seja, o impasse da pedagogia em sua saga com a idealização, bem como discutir *seus pés no barro*, quer dizer, a rentabilização dos vários saberes em seu campo.

Considerações finais

Dessas discussões, podemos esperar alguns efeitos de desalienação e o conseqüente desprendimento de algumas posturas que só se mantêm no regime da paixão pela ignorância.

O uso da psicanálise como uma teoria entre outras destinadas a alimentar o agenciamento pragmático da pedagogia não só deforma a contribuição que ela pode portar à pedagogia, como representa, tal como esperamos ter podido demonstrar, a expressão

sintomática da Técnica, característica distintiva do discurso do capitalista. Esta é uma ocasião interessante para percebermos que a própria disseminação de uma teoria, ao invés de significar sua afirmação, pode tornar-se o meio de sua própria diluição.

Referências

ALEMÁN, J. **Para uma izquierda lacaniana: intervenciones y textos**. Buenos Aires: Ed Grama, 2009.

CANGUILHEM, G. Qu'est-ce que la psychologie? In: _____. **Études d'histoire de la philosophie des sciences**. Paris: Vrin, 1983.

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto. Vol.1**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

DEVELAY, M. **Propos sur les sciences de l'éducation: réflexions épistemologiques**. Issy-les-Moulineaux: ESF editeur, 2004.

FOUCAULT, M. **Sécurité, territoire, population**. Paris: Gallimard-Seuil, 2004.

FREUD, S. Projeto de uma psicologia científica. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.1**. Rio de Janeiro: Imago, (1950 [1996]).

_____. A história do movimento psicanalítico. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.XIV**. Rio de Janeiro: Imago, (1914 [1996]).

_____. Psicologia de grupo e análise do ego. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.XVIII**. Rio de Janeiro: Imago, (1921 [1996]).

LACAN, J. **O seminário livro 7 a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, (1959-60 [1991]).

_____. **O seminário livro 17 o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, (1969-70 [1996]).

LAJONQUIÈRE, L. **Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

PATTO, M.H.S. **Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar**. São Paulo: TAQ, 1987.